

ACASO

Delegado Pedro Cardoso, titular da Delegacia de Roubos e Furtos, afirma que morte resultou de ação rotineira. Para ele, não há suspeita sobre a inocência dos policiais civis nem transgressão que justifique abertura de sindicância

Polícia diz que foi fatalidade

Renato Alves

Da equipe do **Correio**

Uma mera fatalidade em decorrência de operação policial de rotina. Assim é classificada, pela Polícia Civil, a morte do sindicalista Gildo da Silva Rocha, 33 anos, na madrugada de ontem. Para o delegado-titular da Delegacia de Roubos e Furtos (DRF), Pedro Cardoso Santana, não há suspeita sobre a inocência dos seus subordinados.

Essa postura é ratificada pela decisão da direção da Polícia Civil em abrir processo administrativo. A certeza de que o procedimento dos policiais foi normal é tanta que o delegado não se mostra inclinado a abrir qualquer sindicância. Nem mesmo para apurar se houve excesso por parte dos agentes que abordaram e atingiram o sindicalista.

A Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal divulgou nota oficial (mais detalhada na página 16, na matéria sobre a repercussão) afirmando que a morte do sindicalista “restringe-se ao universo das ocorrências policiais, sem nenhuma conotação política”. O diretor-geral da Polícia Civil, Laerte Bessa, não quis dar entrevista, nem divulgar nota oficial.

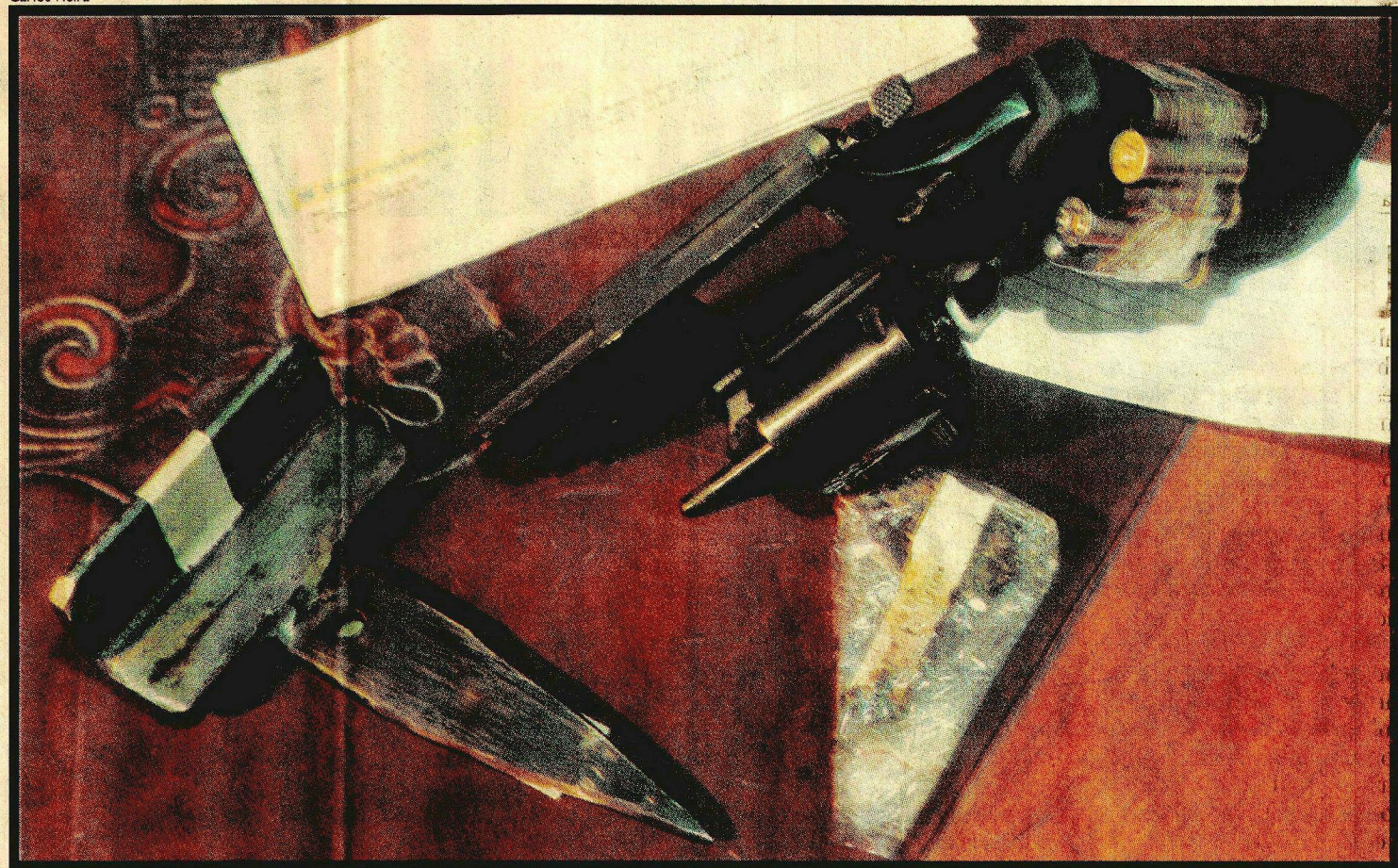
“Foi uma morte dissociada. Os

policiais abordaram os sindicalistas sem saber quem eram. Ele não tiveram culpa. Atiraram para se defender. Só abriríamos uma sindicância se fosse vislumbrada uma transgressão, o que não é o caso”, ressaltou o delegado Pedro Cardoso.

Os três policiais que participaram da operação que resultou na morte de Gildo folgaram ontem. Mas voltam ao trabalho normal hoje, em rondas de carros nas ruas. Um deles, que estava no banco do passageiro do carro que perseguiu o sindicalista e fez vários disparos contra ele, Ronildo Brito de Mesquita, 31 anos, se diz tranquilo. “A consciência está tranqüila. Fiz o meu serviço normal”, disse ontem à tarde ao **Correio** por telefone.

Os agentes Ronildo, Arnulfo e Edilson, foram indicados pelo delegado Pedro Cardoso para integrarem em uma das equipes da Operação Delta. A alegação é que são três dos melhores homens da DRF, disciplinados, sem qualquer deslize em serviço. Essa operação reúne agentes e delegados de todas as delegacias especializadas do DF e tem por objetivo combater o crime nos dias, locais e horários de maior incidência, de acordo com estatísticas da Secretaria de Segurança Pública.

Carlos Vieira



REVÓLVER, ESTOQUE, CIGARRO DE MACONHA E DOIS CHEQUES FORAM APRESENTADOS PELA POLÍCIA COMO MATERIAL APREENDIDO NO CARRO DOS SINDICALISTAS

“Estavam em atitude suspeita”

A ronda dos policiais teve início às 20h de quinta-feira, segundo relato de Ronildo Brito de Mesquita. Ele e Arnulfo Alves Pereira, 33, e Edilson Cordeiro Rodrigues, 38, decidiram abordar os sindicalistas (Gildo, Geraldo Rufino, 35, e Édson Sampaio, 37) quando viram sacos de lixo jogados no meio da rua, em frente a uma agência bancária da Caixa de Ceilândia, na avenida Hélio Prates. Pensaram que fossem bandidos.

“Eram três homens parados fora de um carro, em frente a um

banco, de madrugada, uma hora da manhã. Como ia imaginar que faziam piquetes? Nem mesmo sabia que o SLU estava em greve. A coleta de lixo da minha casa estava normal”, ponderou Ronildo. Na versão do agente, Gildo entrou correndo para o carro, um Apollo, assim que viu os policiais. Ronildo e Arnulfo foram atrás. Edilson ficou na rua, com a arma apontada para os outros dois sindicalistas. Ronildo diz que atirou só depois que Gildo disparou contra ele e o colega, durante a

perseguição de carro. “Ele estava em uma atitude suspeita. Se não devia nada, por que não ficou quieto como os outros dois?”, tenta se justificar Ronildo, agente da polícia há oito anos.

Os outros dois estão na corporação há seis anos. Ronildo não sabe precisar quantos tiros deu. Alega que a única intenção era atingir um dos pneus do carro para que parasse. “Acho que a bala que pegou nele subiu um pouco porque o nosso carro balançava muito com as lombadas. Mas não sei se

o tiro partiu da minha arma ou da do meu colega. Foram vários tiros”.

A perseguição só terminou quando o carro dirigido por Gildo, já ferido, parou. Ronildo garante que prestou todos os socorros. “Primeiro pegamos a arma da mão dele. Depois, a nossa única preocupação era salvá-lo. Sempre temos essa preocupação, mesmo quando se trata de um bandido”, contou o agente, pai de duas crianças, de seis meses e sete anos, que garante nunca ter matado alguém. (RA)